

# QUEM PRÁTICA A VIOLÊNCIA? QUEM SÃO AS VÍTIMAS? UMA CONVERSA COM ALUNOS, PROFESSORES E POLICIAIS QUE ATUAM NO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - CEJA SILVA FREIRE

ARAÚJO, Kelen Regina<sup>1</sup>  
SANTOS, Josivaldo Constantino dos<sup>2</sup>

**RESUMO** - O presente artigo, trata sobre a violência na escola e suas possíveis vítimas, e teve como *locus* de investigação, o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Benedito Sant’Ana da Silva Freire – Sinop – MT, que iniciou seu atendimento aos jovens e adultos, em 2009, contando, desde seu início, com extensões situadas em bairros distantes do centro. Partimos da compreensão que a violência pode ser compreendida como fator humano e está presente em nossa cultura e sociedade, se mostrando nos mais diversos contextos de formas implícita ou explícita. Para compreender as possíveis vítimas e agressores no CEJA, escolhemos trabalhar na sede (centro), onde entrevistamos policiais, professores e alunos. As entrevistas nos mostraram que não há como apontar vítimas ou agressores. Constatamos que a violência vem adentrando os portões da escola de uma forma que todos que participam deste espaço sentem-se, direta ou indiretamente, atingidos por suas manifestações. Visualizamos em todos os grupos entrevistados uma parcela da responsabilidade sobre as situações violentas ocorridas dentro da escola, contudo esta provém de meios externos, e está intrínseca ao ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Professores. Alunos. Polícia. Violência. CEJA

## 1. PRIMEIROS PASSOS: A ESCOLA, OS ATORES, A PESQUISA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) de acordo com a Lei 9.394/96 - Art. 37 “será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. De acordo com as Regras de Organização Pedagógica (ROP) – 2013 vigente até o ano de 2016, que regulamenta o trabalho nos CEJAs, para matricular-se no ensino fundamental o aluno precisa ter quinze anos completos, e, para o ensino médio precisa ter no mínimo dezoito anos.

O CEJA Benedito Sant’Ana da Silva Freire-Sinop-MT, iniciou seu atendimento em 2009, contando desde seu início com extensões situadas em bairros distantes do centro, com o intuito de atender o maior número possível de estudantes, e, uma de suas principais características é a flexibilidade de atendimento, aliada ao respeito às diferenças. No ano de

---

<sup>1</sup>Especialista em Educação de Jovens e Adultos (EJA) Professora de Química no CEJA Benedito Sant’Ana da Silva Freire – Sinop- MT. professorakelen@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professor de Filosofia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus de Sinop-MT. josicultura@unemat.br

2016, o CEJA contava com três extensões no período noturno, uma escola da rede municipal e duas escolas da rede estadual e o Centro atendendo nos três períodos.

Para atender a este público tão heterogêneo, o CEJA tem passado por mudanças e adaptações desde seu início em 2009 com o intuito de integrar sem excluir. Contudo, mesmo com todos os esforços dos funcionários em fazer desta escola um espaço de aprendizado mútuo e trocas de experiências, a violência está presente disputando espaço entre diálogos e risos, gerando insegurança em toda a comunidade escolar.

Para compreender as possíveis vítimas e agressores no CEJA Benedito Sant'Ana da Silva Freire, escolhemos trabalhar na sede (centro) pelo fato da mesma, funcionar nos três períodos. Na realização desta investigação, elegemos como metodologia a pesquisa qualitativa, visto que ela,

se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000, p. 21-22).

Nesta perspectiva da pesquisa qualitativa, entendemos como relevante compreender os pontos de vista dos três grupos diretamente envolvidos em situações de violência no ambiente escolar: alunos, professores e policiais da Ronda Escolar, e nesse sentido, buscando compreender essas diferentes visões sobre a violência na escola, elaboramos, como procedimento da pesquisa qualitativa, entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas aos três grupos.

Os professores entrevistados apresentaram-se de forma voluntária, solicitamos apenas que fossem dois de cada área (Ciências Humanas, Ciências Naturais e Linguagens e suas Tecnologias). Os policiais da mesma forma foram convidados. Entrevistamos os dois que se dispuseram a conceder depoimento, assim como os alunos que foram convidados a participar voluntariamente. Passamos em todas as salas de aula do centro, nos três períodos convidando alunos que desejassem fornecer informações para nossa pesquisa. As entrevistas foram gravadas e posteriormente digitalizadas, sem mencionar nomes, portanto para representar os seis professores indicaremos apenas P (1, 2, 3, 4, 5, 6), os policiais por Po1 e Po2 e os alunos por A (1, 2, 3... 15).

## **2. VIOLÊNCIA**

Para falarmos sobre violência, é necessário refletirmos sobre alguns conceitos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) violência é:

O uso da força física ou poder em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (DAHLBERG, KRUG, 2007, p. 1164).

Esta violência descrita pela OMS pode ser de natureza, física, sexual, psicológica ou violência por negligência. Ela pode estar presente em qualquer ambiente e se apresentar com diversas faces, visto que, “historicamente toda e qualquer forma de organização social carrega em sua constituição básica a possibilidade da violência” (SANTOS, 2014, p. 72). Compreendemos, que a violência está incrustada em nosso meio, fazendo parte da convivência humana, suas manifestações podem ser vistas em todas as sociedades e culturas, apresentando-se muitas vezes de forma velada.

Segundo Hoffmann (2012), violência é um conceito heterogêneo que pode assumir várias formas ou práticas sociais de acordo com a época e o lugar, e, pode ocorrer de forma implícita ou explícita. Assim:

Violência implícita, ou encoberta, é vista como a “mãe” dos demais tipos de violência, pois, dela, derivam suas diversas formas. Já a violência explícita costuma ser rapidamente reconhecida como tal e possui a utilidade de, ilusoriamente, manter a crença de que somente essa modalidade é nociva para a sociedade (HOFFMAN, 2012, p. 19).

Portanto, quando pensamos em violência, geralmente nossa mente nos traz diretamente a imagem de violência física, aquela que gera marcas visíveis. Entretanto, quando está implícita, na forma de ameaças, agressões verbais ou por negligência, torna-se mais difícil de identificá-la, e, portanto, de lidar com ela. A violência atinge toda humanidade em proporções diferentes e está presente em todos os ambientes, e, na escola não é diferente. “Na violência, há o desejo, a intenção de destruir, de desmanchar, de ofender ou de humilhar o outro” (HOFFMAN, 2012, p. 20).

No que se refere à escola, Santos (2014) nos lembra de que a mesma, não se caracteriza apenas como um espaço de ensino-aprendizagem, mas também um espaço de partilha de sentimentos, emoções e de identificações entre os sujeitos que a compõem. Convivem no ambiente escolar diversas “tribos” e em meio a esta diversidade de sujeitos, a violência também irá se mostrar de várias formas.

Em sua relação com a escola, a violência apresenta as seguintes características: violência escolar, que se caracteriza pelos ataques feitos contra a instituição; a violência na escola que é uma violência que não está diretamente voltada contra a escola enquanto instituição. Porém, é essa modalidade de violência que aflige a comunidade escolar; violência

da escola que se refere à escola enquanto promotora de “violências simbólicas implícitas nas práticas educativas” (SANTOS, 2014, p. 23). A abordagem do presente artigo desenvolve - se sob a perspectiva da violência na escola. Essa modalidade de violência,

[...] acontece na escola porque é nesse espaço que crianças, adolescentes e jovens convivem grande parte do tempo. Pode-se dizer que os alunos transferem para o recinto escolar a violência que vivenciam fora da escola [...], entendê-las é ter a capacidade de perceber como elas se manifestam, [...] O que acontece na maioria das vezes é que o entendimento do que venha a ser um ato violento na escola entra no campo da subjetividade (SANTOS, 2014, p. 23).

Assis e Marriel (2010) também apontam para a dificuldade de conceituar a violência por esta apresentar inúmeras causas além de ter como vítima ou agressor qualquer pessoa, grupo, instituição ou povo. Estes nos falam que “a violência dos estudantes se manifesta por meio de situações como: vandalismo, pichações na parede, xingamentos e agressões físicas a professores, indisciplinas no recreio e roubos no ambiente escolar” (p.47).

No que se refere à indisciplina, compreendemos que a mesma pode ser vista como uma forma de violência dependendo do contexto e dimensão em que ocorre. Entretanto, o termo geralmente é usado para indicar “qualquer comportamento que seja contrário as regras, às normas e as leis estabelecidas por uma organização” (SILVA, 2004, p. 21).

A violência por sua vez, pode ser compreendida como fator humano, está presente em nossa cultura e sociedade, se mostrando nos mais diversos contextos de forma implícita (fome, analfabetismo, baixos salários, desemprego, impunidade, corrupção, preconceito) ou explícitas (assaltos, homicídios, estupros, sequestros). A violência vem adentrando os portões da escola, de uma forma que todos que participam deste espaço sentem-se direta ou indiretamente atingidos por suas manifestações.

### **3. CONTEXTUALIZAÇÕES**

Para iniciar esta reflexão, achamos importante primeiro contextualizar o que é a Ronda Escolar, bem como rememorar brevemente o contexto da violência em anos anteriores no CEJA Silva Freire.

Devido à demanda de ocorrências tanto dentro quanto no entorno das escolas no município a polícia militar criou o projeto Ronda Escolar e designou um grupo de quatro policiais e uma viatura para atenderem estas ocorrências em específico, sendo uma dupla por dia. Os policiais e os responsáveis pelas escolas interagem e solicitam auxílios através do grupo

no aplicativo WhatsApp criado para esta finalidade, sendo que sua função como nos descreve o policial Po1,

é trazer segurança tanto para os alunos que querem estudar, quanto para os professores que querem ensinar para os alunos que querem estudar, e aqueles que de certa forma vem para a escola para fazer bagunça, para fazer arruaça, a Ronda Escolar ajuda de uma forma mais enérgica. Dependendo da situação até encaminhar eles para a delegacia.

Contudo, mesmo antes do projeto, a polícia já estava presente na escola, devido ao alto índice de violência encontrado no seu interior e entorno. De acordo com Santos (2014) desde sua criação, o CEJA destacou-se na mídia devido ao alto índice de situações consideradas violentas, o que é confirmado na fala de P6 que trabalha na escola desde 2009.

Olha eu vejo assim, se nós traçarmos um panorama desde o início do CEJA, eu posso dizer que já tivemos muitos alunos violentos no CEJA, eu creio que atualmente essa questão da violência ela não desapareceu por completo, mas ela está bem, o índice de violência está beeeem menor.

Vemos que o P6, ao acompanhar a evolução da escola desde o início do atendimento na modalidade EJA, destaca a diminuição da violência, diferente da encontrada nos primeiros anos.

#### **4. VIOLÊNCIA NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS**

Quando pensamos na escola dentro de seu contexto social, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, temos sempre que levar em consideração quem são os sujeitos desta modalidade de ensino, principalmente a sua origem. É preciso compreender que o aluno da EJA já traz em seu histórico uma carga de exclusão, ou seja, por lhe ter sido negada a possibilidade de estudar no tempo considerado como regular, foi-lhe negada também, a possibilidade de disputar os mesmos espaços no mercado de trabalho, junto aos estudantes que puderam completar os estudos na idade considerada regular.

É em uma condição de invisíveis (não ser alguém) que encontramos boa parte dos estudantes da EJA. A invisibilidade segundo Casoy (2014) anda de mãos dadas com a rejeição, portanto encaixar-se a um grupo (tribo) torna-se necessário para quem sente-se assim, em busca do reconhecimento, da visibilidade. A autora afirma que nessa condição de invisibilidade, portar uma arma ou usar drogas é apenas um pequeno preço a ser pago. Portanto, compreendemos que, o uso de drogas está diretamente ligado a um contexto de violências, tanto anterior, quanto posterior. A situação descrita pode ser vista no interior das escolas.

O uso de drogas na escola, é relatado pelos alunos, a exemplo da afirmação de A11 (51 anos, e estuda na sede há um ano): “sempre tem, as vezes aquelas pessoas que são usuários né, que a gente não pode nem talvez falar nada, mas isso é comum.”. Contudo, vale ressaltar que mesmo com o uso de drogas por parte de alguns colegas, os estudantes, relataram não terem visto comportamentos violentos no interior da escola.

Destacamos este trecho da entrevista com o A6 (Ele é menor e estuda há um ano na sede), perguntamos se ele gosta de estudar no CEJA, se a escola é tranquila, e ele nos fala sobre a presença de usuário de drogas. Questionamos se estes usuários atrapalham o bom andamento das aulas:

A6 - Mais ou menos

A6 - Ah! Sei lá, tem um monte de gente assim drogada, essas coisas.

A6 - Tem né, mas não fuma aqui na quadra da escola, mas tem né, você olha na cara deles assim e vê que tem

A6 - Por enquanto não achei nenhum

A6 - Ai eu não sei que eu não posso falar só pela aparência né, eu, se eu vejo assim eu falo né.

A6 - Não

Apontamos para a normalidade com que o uso de drogas é abordado por esses alunos. Compreendemos por meio das falas dos estudantes que suas concepções de violência se baseiam na violência explícita, na forma de agressões físicas ou verbais, como por exemplo, o enfrentamento contra o professor.

Os professores, também comentaram sobre a questão das drogas, e, visualizamos que a dimensão dada é outra, bem como a concepção a respeito da violência. Neste sentido destacamos a fala do P2: “Acredito que há sim, que há alunos violentos, [...], não de forma exacerbada, mas há vários tipos de violência, a principal forma de violência é a questão das drogas e a questão também da indisciplina, [...]”.

Nas falas dos professores entrevistados encontramos conceitos tanto de violências implícitas, quanto de violências explícitas. Contudo, não há consenso neste pensamento e a dimensão do que é violência ou indisciplina, como já dissemos anteriormente, fica de forma subjetiva, diretamente ligada ao que cada professor toma como disciplina ou violência. Vemos isso nas diferenças entre as falas do P3 e do P4:

Violência é quando ela afeta o outro, [...], quando você até verbaliza uma palavra que leva o outro a humilhação, ao constrangimento, isso é uma violência, uma violência verbal, [...] violência para mim ela tem vários, âmbitos. Assim [...]. Violência explícita, é lógico, agressão brigas né, brigas que eles saem no corpo a corpo mesmo [...] indisciplina aquele aluno que ele foge da regra, ele foge da disciplina, ele é indisciplinado[...] né? aquilo que a pessoa não consegue colocar e viver harmonicamente na sociedade (P3).

Destacamos na fala do P3 os conceitos por nós abordados como violência, o implícito o explícito e a violência como forma de destruição do outro. Vemos também que a indisciplina foi apontada não como uma forma de violência, e sim um comportamento fora dos padrões de regras estabelecidos pela escola.

Já o P4, por sua vez, apresenta um olhar sobre a violência explícita, tomando as outras formas de violências que ocorrem dentro da escola como indisciplinas normais ao ambiente escolar. “Durante o tempo que eu estou aqui eu não observei nenhum caso de violência como os que a gente vê na TV de agressão física, sim, temos coisas normais, nós estamos numa escola com mais de 2000 alunos nenhuma notificação de briga entre alunos é impossível [...]” (P4).

Os policiais nos falam sobre seu trabalho de combate tanto à violência explícita, como distribuição (tráfico) de drogas na escola, porte e uso de armas ou agressões físicas, quanto à violência implícita, como ameaças. Segundo o P01:

[...] a gente muita das vezes é chamado na escola por incrível que pareça por alunos com armas de fogo dentro da sala de aula, como já ocorreu, não foi nem uma nem duas vezes, alunos traficando dentro da escola que também não aconteceu nem uma e nem duas vezes, [...] a gente sempre fala com os professores que a gente tem conversado que a gente tem dado palestra que não se sintam coagidos pode chamar, pode chamar, ah mais o aluno ameaça, vai lá na delegacia, ou chama a gente e faz o boletim de ocorrência de ameaça [...].

Percebe-se no trecho destacado a preocupação dos policiais em evitar situações de violência implícita, caracterizada na forma de ameaças, pois estas podem gerar situações de violência explícitas.

## 5. SENTIMENTOS DOS ENTREVISTADOS

Durante as entrevistas, buscamos compreender quais os sentimentos provocados pela presença da violência na escola. Imaginamos encontrar alunos e professores amedrontados e coagidos. Contudo, as respostas apontaram para uma escola em que a violência não mais protagoniza as relações. Os professores buscam nas normativas escolares, pontos de apoio e referência para manter a harmonia, conforme podemos constatar na fala do P1.

[...] nunca me senti intimidada, nunca me senti ameaçada, nem nada, apenas tento mostrar desde cedo que a regra é para todos. Então meu primeiro comportamento em sala de aula, antes de conhecer o aluno, é estabelecer todas as regras do que pode e o que não pode dentro da sala de aula para todo mundo, para que ninguém fale, há tá falando isso para mim, e então, início do trimestre, primeira aula o que pode, o que não pode, caso algum aluno venha a ter um comportamento inadequado de desafio ou de desrespeito às regras, aí é esclarecido um pouco mais individualmente o que se espera dele, quais são as regras da escola, quais são as punições para a indisciplina.

Este profissional representa um importante papel em relação à violência, pois fica sob sua responsabilidade o estabelecimento de limites e regras de convivência. Supondo-se que estas instruções irão contribuir para sua formação e vida em sociedade. Todavia, muitas vezes, tais regras são desacatadas de forma que ocorre um esvaziamento da autoridade do professor. Vale ressaltar que a indisciplina, está diretamente ligada ao conceito de disciplina estabelecido pela escola. Portanto, a gestão escolar influenciará diretamente nos critérios adotados para aquilo que está dentro, ou fora das normas da escola. Pois, uma não padronização dos critérios dentro do estabelecimento escolar pode contribuir para que esta autoridade seja diminuída.

Os alunos veem no diálogo a maneira correta de lidar com a violência, apontando para a organização da escola e acolhimento como um dos grandes motivos para a diminuição das ocorrências.

Ah! Eu gostei, foi uma das melhores escolas que eu já estudei em questão de limpeza, da organização, os professores com os alunos, o tratamento, a forma de tratar [...] Bom, aqui eu acho que eles agem de forma certa, aqui, pelo menos aqui que eu vi né, [...], assim pelo que eu vi, aqui é uma escola bem organizada os professores respeitam muito os alunos, os alunos respeitam muito os professores.[...] Então, aqui é certo o jeito que eles tratam, o jeito que eles conversam, que eles resolvem uma discussão uma intriga, alguma coisa. (A8, 18 anos, estuda há seis meses na escola)

A parte administrativa, os professores fazem com que a escola seja uma escola muito boa para se estudar, e tranquila. [...], os professores aqui são de excelente qualidade. Os professores dão atenção aos alunos, e prova disso sou eu, eu sou a prova por que tinha vinte e cinco anos que eu não estudava e eu voltei a estudar e me apaixonei por essa escola... (A10, 53 anos estuda há dois anos na escola).

Observamos nas falas dos entrevistados que o tratamento que recebem na escola faz toda a diferença, que ser aceito e respeitado é o primeiro passo para que haja diminuição dos índices de violência.

Entretanto há casos em que somente a intervenção dos profissionais que atuam na instituição não são capazes de inibir atos violentos, sendo necessário acionar a polícia, o que gera mal-estar entre a comunidade escolar e a própria Ronda Policial, pois todos compreendem que a escola é um espaço de construção de saberes e a polícia representa a repressão. Desse modo, os profissionais, professores e policiais sentem que estão trabalhando fora de seu contexto.

Tanto os professores, quanto os policiais falaram sobre a impotência diante de situações violentas. Alguns dos professores demonstraram em suas falas uma angústia por não saberem como lidar, como resolver. Falaram sobre a presença da polícia como uma solução imediata para situações pontuais. Contudo, prefeririam que não fosse necessária tal presença:

[...] o ideal seria que a polícia não precisasse estar nos portões da escola ou no pátio da escola, que aqui dentro nós pudéssemos realmente transformar vidas. Diante da dificuldade dos últimos tempos, do crescimento da violência, ela se tornou quase que necessária para que a gente tenha um respaldo e infelizmente ainda é a polícia que dá um limite [...] P1).

[...] dá meio que uma sensação de que está no lugar errado, polícia, educação, escola, parece que as coisas não estão encaixando, [...], parece que está todo mundo fazendo errado, nós estamos fazendo as coisas erradas, os alunos estão errados, o sistema está errado [...] (P3).

Há alunos que concordaram, assim como diziam os professores, que a polícia na escola traz sentimentos de desconexão, e, ainda apontaram para o medo gerado por essa presença:

Eu não acho necessário entrar aqui dentro, para poder olhar e tal, assim tipo, caso ocorra alguma coisa, ou alguém denuncie alguma coisa ai eu acho certo, [...] os alunos ficam comentando, alguns ficam apavorados, mesmo sem ter feito nada, por que intimida muita gente e aqui não tem apenas alunos de maiores<sup>3</sup>, tem alunos de menores também e muitas pessoas aqui não fazem coisas erradas, e estão expostas a isso (A8).

A fala do aluno converge com a opinião dos professores e policiais de que a simples presença da polícia na escola transmite a ideia de repressão e punição, causando desconforto, principalmente entre aqueles que de fato querem estudar. Contudo, percebemos concordância entre as falas no ponto que esta presença se faz imprescindível mediante as situações que fogem ao poder de resolução da coordenação pedagógica.

## **6. DE ONDE VEM A VIOLÊNCIA QUE ADENTRA A ESCOLA?**

Segundo Silva (2004), um dos principais motivos para a violência escolar é a falta de limites impostos pela família. Tal fato é um reflexo de um período, sobretudo a partir do final da década de 60 (século XX) em que predominou a ideia errônea de que os limites são nocivos e que o jovem não deve ser podado. Estas premissas influenciaram muito nos métodos educativos, que tomaram como princípio o deixar o jovem livre, e, isto segundo ele reflete na educação de forma que:

Sem a construção de limites – pela ausência da imposição deles por parte dos pais e educadores e pela defesa do puro deixar fazer-, ter-se-á crianças e adolescentes completamente perdidos (sem saber o que lhes pertence e o que lhes é alheio tanto material quanto psicologicamente) e, por isso transgressores de regras sociais (SILVA 2004, p.44-45).

---

<sup>3</sup> Alunos maiores de idade.

Portanto, teremos alunos transgressores que por vezes não se veem como tais, visto que desconhecem limites. O Po1 falou sobre isso quando perguntado sobre o que sente ao entrar na escola, a quem atribui falhas e situações de violência. Este nos responde da seguinte maneira:

[...] na verdade é um conjunto de tudo, infelizmente nós chegamos em um ponto em que a nossa criação a nossa base familiar de hoje, ela está sendo falha né [...] eu não digo que seja uma falha do professor, por que é o que a gente sempre fala onde a gente vai nas palestras que chegou a um ponto que as escolas pediram socorro, as escolas, foi um grito de socorro para a segurança pública [...] isso causa uma certa impotência para o professor, fora que tem a questão do pai que entrega e quer que a escola se vira, aí o professor, o diretor o coordenador tem que ser pai, tem que ser professor, psicólogo, então eu acho que a nossa base familiar, a ausência dos pais nas escolas, a ausência na educação dos seus filhos no conhecimento dos seus filhos, com quem os seus filhos estão andando e muita das vezes quando ele desperta para isso é tarde [...].

Percebemos no relato do Po1 uma busca por respaldo nas famílias, de forma a participarem ativamente na formação emocional e intelectual de seus filhos. Neste sentido, o P3 comentou sobre a presença da polícia (Ronda Escolar) e apresentou pontos de concordância com o Po1.

[...] só que eu me pergunto assim, vai resolver a polícia na sala de aula? Não vai, vai resolver a polícia, se estiver fumando próximo ao portão da escola, a polícia vai levar, vai resolver? Não vai, o problema é maior, o problema está na base, o problema está na família, nos valores que são passados para essas pessoas.

O apelo do P3 em busca de apoio das famílias e da comunidade para em conjunto com a escola resolver os problemas de violência nos remete a Santana, Santana e Lima (2008), que nos chamam a atenção para o fato de que, somente o trabalho da direção escolar não basta para a diminuição da violência no âmbito escolar, precisamos também de um apoio da comunidade.

Vemos aqui um disparate entre a necessidade de uma escola voltada para o cuidado com o outro e as políticas públicas, pois como nos diz Ristum (2010) temos uma escola pública preparada para atender a alunos vindos de famílias estruturadas, tanto socialmente quanto afetivamente, atendendo alunos que não condizem com essa realidade. Portanto, além do comprometimento dos docentes e da boa vontade, faz-se necessárias condições materiais e afetivas para que o trabalho pedagógico realmente aconteça como nos afirma o P1.

Por que se a escola tivesse psicólogo, talvez a gente encaminhasse esses jovens ao psicólogo, e esse psicólogo iria ter tempo de trabalhar o lado emocional com carinho, com afeto, com amor, até curar, mas não é isso, o estado não nos dá esse aparato. Com certeza esse jovem para quem a polícia vem, ele tem sim um monte de defasagens, defasagem na família, defasagem educacional, infelizmente muitos desses jovens são jovens que tiveram problemas de aprendizagem desde o começo da escola, não desenvolveram e então aprenderam a ser rebeldes para esconder o lado que não consegue aprender.

A presença de um psicólogo nas unidades escolares vem sendo discutida há algum tempo, pois pode contribuir diretamente no convívio e ensino, porém não existem políticas públicas que garantam esse direito, somando-se a isso, temos um professor que não recebe a formação inicial e continuada adequada para lidar com situações de violência. Gisi (2011), enfatiza que, o professor é preparado para o mercado de trabalho, porém esses cursos não se preocupam em trabalhar conceitos de humanização e comprometimento com uma transformação social, que poderá ser refletida em sua docência. Os educadores segundo a autora estão envolvidos em inúmeras funções, muitas dessas são delegadas sem o preparo prévio.

## **REFLEXÕES FINAIS**

A investigação nos mostrou que não há como apontar vítimas ou agressores. Visualizamos em todos os grupos uma parcela de responsabilidade, tanto em protagonizar, quanto em sofrer violências no ambiente escolar. Entretanto, esta violência, que é um fator humano, provem de meios externos e está intrínseca ao ambiente escolar, ou seja, esta violência que ocorre no entorno desemboca na escola.

Os três grupos entrevistados nos mostraram que a violência na escola está longe de ser extinta, porém, pode ser amenizada ao ponto de tornar-se quase que imperceptível, não no sentido de ser velada, uma violência implícita, mas apaziguada no sentido de a convivência ser harmônica e pacífica. O CEJA Silva Freire, chegou a estes tempos de “calmaria” depois de anos de turbulência. Esta realidade foi conquistada por meio do diálogo e do respeito para com o outro. Vemos nas contribuições de alunos e professores o acolhimento que a escola oferece, esta abraça os alunos e os trata como iguais independentemente de sua origem, idade ou ficha criminal.

Não temos como negar que a violência permanece se esgueirando pelos cantos da escola. Contudo, essa em sua grande maioria foge ao poder de solução pedagógica, pois o professor não foi preparado durante sua formação inicial para lidar com situações envolvendo drogas ou agressões físicas, por exemplo. Para essas situações é necessário a polícia na escola. Esse profissional da segurança, segundo as pessoas que contribuíram com a pesquisa, além de trazer uma imagem estigmatizada que causa medo em alguns estudantes, também provoca a sensação de desconexão ao ambiente.

Tanto professores quanto policiais e boa parte dos alunos que contribuíram com a pesquisa, concordam que se sentem desconfortáveis com a presença da polícia. Todavia,

concordam também que devido a situações não possíveis de serem resolvidas apenas pela escola é imprescindível que a polícia esteja presente.

Constatamos que boa parte da violência descrita pelos três grupos é praticada por adolescentes, que muitas vezes não se percebem como violentos, suas atitudes aos olhos de alguns jovens são formas de ir contra as regras e normas, para estes, o regimento se configura como uma forma de agressão. Muitas vezes estas atitudes são uma forma de negar a exclusão que sofrida, durante o período fora da escola, o não acesso a outras formas de cultura, aos bens de consumo.

Segundo as contribuições dos jovens entrevistados, há confiança no bom senso da escola para resolver os conflitos internos, pois apontaram como solução para os problemas internos de violência a conversa, ou que o professor reporte a coordenação ou diretor para que aja chamada de atenção e as punições necessárias de acordo com o regimento interno.

Porém, quando a violência cometida foge à possibilidade de resolução pela direção escolar, estes jovens são entregues à polícia que tenta agir de acordo com o ambiente escolar, resolvendo o assunto com diálogo, conscientização. Segundo os professores, esse diálogo ocorre de uma forma ríspida, entretanto necessária. Em vista dessa constatação, pensamos ser importante ressaltar que estes policiais, segundo seus relatos, não receberam um treinamento especializado para atender as escolas, apenas apresentaram-se de forma voluntária para fazer parte do grupo Ronda Escolar.

Os professores reconheceram que chamar a polícia resolve apenas um problema pontual, ou seja, aquela situação em específico. Os alunos afirmaram que a presença da polícia intimida os “malfeitores”, faz com que estes se escondam, tenham medo de agir, isso não quer dizer a extinção da violência, e sim uma solução imediata, um grito de socorro. Para resolver realmente o problema, precisa-se pensar não só na escola, mas em seu entorno, visto que, a violência que eclode na escola é apenas um pequeno fragmento (um tijolo) em meio a um quadro mais amplo (muro) de violência com que esses atores convivem.

A Ronda Escolar, assim como os professores realizam um trabalho educativo, que não é ou ao menos, não deveria ser função destes profissionais, mas nos resta à pergunta, de quem seria essa responsabilidade? Da família? Mas e que família é esta? Onde estão estes pais? Será que também não estão sofrendo violências da sociedade? Será que também não estão agindo com violência na educação destes jovens?

## WHO PRACTICES VIOLENCE? WHO ARE THE VICTIMS? A CONVERSATION WITH STUDENTS, TEACHERS AND POLICIMEN THAT WORK AT THE CENTER OF YOUNG ADULTS AND ADULT'S EDUCATION – CEJA BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE

**ABSTRACT** - This present article, deal with school violence and the possible victims, on Educational Center to Young and Adults (CEJA) Benedito Sant'Ana da Silva Freire - Sinop - MT, which began its service in 2009, counting, since its beginning, with extensions located in neighborhoods far from the city center. We start from the understanding that violence can be understood as a human factor and is present in our culture and society, showing itself in the most diverse contexts in implicit or explicit ways. In order to understand the possible victims and aggressors at CEJA, we chose to work at the headquarters (city center), where we interviewed police officers, teachers and students, and the interviews showed us that there is no way to point out victims or aggressors. We noticed that violence has entered the school gates in a way that everyone who participate in this space feel, directly or indirectly, affected by its manifestations. We saw in every interviewed groups a portion of the responsibility for violent situations occurring inside the school, however, this comes from external means and is intrinsic to the school environment.

**Keywords:** Teachers. Students. Police. Violence. CEJA

### REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone Gonçalves de. M, Nelson de Souza Motta. Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. In ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (Orgs.) **Impactos da Violência na Escola: Um Diálogo com Professores** – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

CASOY, Ilana. **Serial Killer: made in Brazil** – Rio de Janeiro – Dark Side Books, 2014.

DAHLBERG, Linda L. KRUG, Etienne G. - **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Sup): 1163-1178, 2007.

GISI, Maria Lourdes. As Políticas Educacionais e as Violências nas Escolas. In: EYING, Ana Maria. (Org.). **Violências nas Escolas: perspectivas históricas e políticas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

HOFFMANN, Marcos Erico. **Abordagem Sociopsicológica da Violência e do Crime** - Universidade do Sul de Santa Catarina - Campus Unisul Virtual - Educação Superior à Distância - Palhoça – 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social- teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RISTUM, Marilena. Violência na Escola, da Escola e contra a |Escola: In ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (Orgs.) **Impactos da**

**Violência na Escola:** Um Diálogo com Professores – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

SANTANA, Edna Miranda. SANTANA, Levy Aniceto. LIMA, Diogo Acioli. - **Atuação do Policial no Combate à Violência Escolar** - UNESCO – UCB – 2008.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. - **A Cultura do Medo no Cotidiano da Escola:** afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal - Porto Alegre – 2014. (Tese de doutorado).

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina e Violência nas Escolas** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Recebido em: 31 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 15 de fevereiro de 2018